PALAVRAS INDEVIDAMENTE ACENTUADAS: UM PANORAMA DO ENSINO FUNDAMENTAL AO ENSINO SUPERIOR

Flávia Camata de Oliveira Malaguth
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGlin/CAPES), Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7551-5506
Endereço eletrônico: flavia.malaguth@educacao.mg.gov.br

Vera Pacheco
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGlin/PROFLETRAS/CNPq), Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7986-7701
Endereço eletrônico: vera.pacheco@uesb.edu.br

Palavras-chave: acento gráfico; ortografia; fonologia; ensino

INTRODUÇÃO

O Novo Acordo Ortográfico propõe seis regras com 25 orientações de colocação do acento gráfico. Como essas regras são totalmente desarticuladas entre si, seu processo de aprendizagem consiste, tão somente, na memorização da regra pela regra.

Pacheco e Oliveira (2021) apresentam um algoritmo de acentuação gráfica e um protocolo de parcimônia, que mostram que há uma lógica que rege a necessidade de uso do acento gráfico e, por meio dela, é possível otimizar a aprendizagem da acentuação gráfica. Apesar desse e de outros estudos promissores sobre o ensino do acento gráfico, a omissão e a colocação inadequada do acento ainda são um problema bastante recorrente, mesmo nas séries mais avançadas da educação básica e, não raramente, no ensino superior.

Para além disso, notamos, em nossa pesquisa (em curso), que palavras que pela ortografia oficial não precisavam do acento gráfico foram indevidamente acentuadas, por alunos em todas as etapas da educação.

A partir desse cenário, elaboramos as seguintes perguntas de pesquisa: i) Como se comportam os alunos do Ensino Fundamental (EF 1 e EF 2), Ensino Médio (EM) e Ensino Superior (ES) com relação ao uso indevido do acento gráfico em palavras que, pela ortografia

oficial, não precisam desse diacrítico? ii) Qual a natureza dos desvios de colocação indevida do acento cometidos pelos alunos? Embasam a nossa pesquisa, dentre outros autores, Bisol (2001); Collischonn (2001); Santos (2001); e Pacheco e Oliveira (2021).

As nossas hipóteses são as de que i) os alunos confundem-se sobre quando devem ou não utilizar o diacrítico, e acabam por acentuar indevidamente palavras que não necessitavam do acento; ii) a colocação indevida do acento não é aleatória, mas justificada por hipóteses que os alunos levantam. Nosso objetivo é traçar um panorama das palavras indevidamente acentuadas, em produções escritas de todas as etapas da educação.

METODOLOGIA

Para atingirmos o objetivo, coletamos 425 produções textuais espontâneas de alunos de todos os anos da educação básica e do Ensino Superior.

Após análise quantitativa do total de palavras em cada texto, categorizamos as palavras que deveriam receber o acento gráfico em: palavras acentuadas adequadamente, palavras com equívoco de colocação do diacrítico, palavras com ausência de acento gráfico e palavras indevidamente acentuadas, que são o foco deste trabalho. Por fim, realizamos análise qualitativa dos dados categorizados e traçamos a natureza da colocação indevida do acento gráfico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentaremos os resultados obtidos a partir da análise das 425 produções textuais de todas as etapas da educação, com foco nas palavras indevidamente acentuadas. Para isso, observaremos a Tabela 1:

Tabela 1 - Frequência absoluta e quantidade média de palavras com uso indevido do acento gráfico em comparação ao total de palavras nos textos de cada ano/etapa da educação e alguns exemplos das ocorrências encontradas

Etapa da educação	Ano de escolaridade	Frequência absoluta e quantidade média de palavras com uso indevido do acento gráfico em comparação ao total de palavras no texto	Exemplos
EF 1	1º ano	1/283 0,35%	‘éstava’
	2º ano	10/725 1,37%	‘mamaé’; ‘paséar’; ‘mãnhá’; ‘vái’

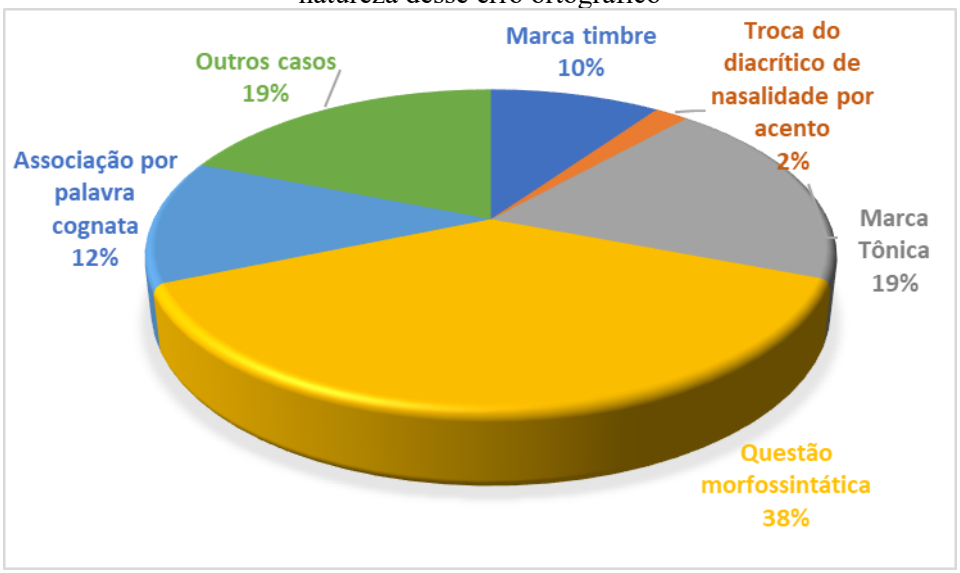
	3º ano	15/1413 1,06%	‘entâo’; ‘nâo’; ‘é’ (e)
	4º ano	30/2883 1,04%	‘menína’; ‘gírafa’; ‘léoes’; ‘convídou’
	5º ano	23/4228 0,54%	‘déliciosas’; ‘escovê’ (escovei); ‘pescária’
EF 2	6º ano	8/3371 0,23%	‘hojé’; ‘sé’ (se); ‘nós’(nos); ‘é’(e);
	7º ano	26/3847 0,67%	‘esforçó’; ‘pédra’; ‘dór’ (dor); ‘sôro’; ‘vêia’
	8º ano	7/2592 0,27%	‘hávia’; ‘é’ (e);
	9º ano	16/4300 0,37%	‘silênciosa’; ‘hajá’; ‘parté’; ‘ciêntistas’
EM	1º ano	29/5983 0,48%	‘equílibrado’; ‘impáctos’; ‘respossavél’
	2º ano	23/5743 0,40%	‘hojé’; ‘bém’; ‘princípais’; ‘límpa’
	3º ano	22/5465 0,40%	‘possuí’; ‘plántio’; ‘médida’; ‘basés’
ES	-	15/10736 0,13%	‘aínda’; ‘espirítuais’; ‘familíares’; ‘tecnológias’

Fonte: Elaborado pelas autoras

Na Tabela 1, é possível observar a frequência absoluta e a quantidade média de palavras que receberam indevidamente o acento gráfico, em cada etapa e ano da educação. Nela, notamos que, apesar de estar presente em todas as etapas da educação, inclusive no ES, o percentual de palavras indevidamente acentuadas é pequeno, ocorrendo com maior frequência no 2º ano do EF, totalizando 1,37% das palavras do texto. No 7º ano, as ocorrências representam 0,67% do total de palavras. No EM, 0,48% das palavras do 1º ano são acentuadas indevidamente e, no ES, a ocorrência é de 0,13%.

Abaixo, no Gráfico 1, apresentamos o percentual de palavras com colocação indevida do acento gráfico em relação à natureza do erro ortográfico.

Gráfico 1 – Percentual de palavras com colocação indevida do acento gráfico em relação à natureza desse erro ortográfico



Fonte: Elaborado pela autora

No Gráfico 1, notamos que, em relação à natureza do uso indevido do acento gráfico, 38% corresponde à questões morfossintáticas. Nessa categoria encontramos, principalmente, o 'e' escrito como 'é' e o 'nos', como 'nós'. Temos ainda, em 19% dos casos, o uso indevido do acento gráfico marcando a sílaba tônica, como em 'menína' e 'impáctos'. Esse uso do diacrítico para marcar tonicidade ocorre até mesmo no ES, em que as palavras 'colápso' e 'aínda' foram grafadas.

A associação por palavra cognata ocorre em 12% dos casos, mais concentradamente após o 7º ano do EF. Acreditamos que os alunos 'memorizam' a localização do acento em determinadas palavras e, ao usarem uma variação dessa palavra, mantêm o acento por memorização. É o que ocorre em 'drásticamente' (de drástico) e 'famíliares', (de família). A marcação de timbre, usada para diferenciar vogais abertas e fechadas, ocorre em 10% dos casos e pode ser encontrada em todas as etapas da educação.

Além disso, os casos de troca de diacrítico de nasalidade '~' por diacrítico acentual ocorreu apenas em 2% dos casos, concentrados no 1º ao 5º ano do EF; e a soma de outros casos de uso indevido do acento totalizou 19% das ocorrências. Nessa categoria somam-se casos de não diferenciação entre ditongo e hiato, como em 'coísas' (para coisas); hipercorreção, como em 'éntensas' (para intensas); marcação de acento secundário, como em 'especíalmente'; casos de acentuação aleatória, como em 'gírafa' (para girafa); outliers, como

em 'lîdar' e 'transîção'; dentre outros.

CONCLUSÕES

Dentre os problemas com relação ao acento gráfico, está o uso em palavras que, pela ortografia oficial, não precisam do diacrítico. Nesta pesquisa, a nossa hipótese era a de que os alunos confundem-se sobre quando devem ou não utilizar o diacrítico, e acabam por acentuar indevidamente palavras que não necessitam do acento. Nosso objetivo foi de traçar um panorama das palavras indevidamente acentuadas, em produções escritas de todas as etapas da educação.

Nossos resultados mostram que, de modo geral, o percentual de palavras indevidamente acentuadas tende a diminuir com o avanço do grau de escolaridade. Esse fato pode apontar para duas conclusões distintas, que ainda estão em investigação: a primeira, de que a aprendizagem da ortografia seria suficientemente eficaz para fazer com que os alunos escrevam com proficiência. A segunda, de que o percentual de ausência de acento nas palavras que deveriam receber o acento gráfico, que é muito alto, demonstra que acentuar não é, de fato, uma preocupação. Dessa forma, com a progressão da escolaridade, o discente não só deixaria de usar o acento em palavras indevidas, como também nas que deveriam receber o acento gráfico.

REFERÊNCIAS

BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** 3ª ed., Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

COLLISCHONN, G. O acento em português. In: Bisol, L. (Org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** 3a. ed. Porto Alegre: EDPUCRS, 2001. p. 125-158.

PACHECO, Vera; OLIVEIRA, Marian. **Algoritmo de acentuação gráfica e protocolo de parcimônia**: uma proposta para otimização do ensino e uso das regras de acentuação gráfica. Linguagem & Ensino, Pelotas, v.24, n.4, p. 907-932, 2021.

SANTOS, R. S. **A aquisição do acento primário no português brasileiro**. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2001.